



As pessoas vivem enquanto se fala delas: o legado de José Guilherme Jordão

Isabel Santos¹

São muitos os possíveis modos de pensar e de falar sobre uma pessoa ligada à história da Medicina Geral e Familiar, sobre o seu trajeto de vida, o que se herdou, os processos em que se envolveu, as marcas e os registos do que nos deixou.

José Guilherme Lopes Pereira Jordão (JGJ) nasceu em Leiria a 8 de janeiro de 1951 e faleceu a 23 de agosto de 2003. O seu percurso encontra-se amplamente descrito num editorial escrito na RPMGF pelo Manuel Valente Alves,¹ no Dicionário dos Médicos Portugueses editado pela unidade de História da Medicina,² num editorial da Revista da ADSO,³ no livro *Da memória*⁴ que celebra os 20 anos da medicina geral e familiar e na sua tese de doutoramento, *A medicina geral e familiar: caracterização da prática e sua influência no ensino pré-graduado*,⁵ tantas vezes alvo de citações.

O seu percurso, as ações que praticou, os eventos em que participou estão ligados às suas qualidades humanas, ao seu eu, à doença que sofreu, aos valores, às ideias e ideais (seus e do seu tempo), ao estado psicológico reinante nos médicos da época e às condições sociopolíticas de então.

A PESSOA NO SEU CONTEXTO DE TRABALHO

O José Guilherme não se limitou a contemplar a realidade. Foi um construtor ativo da realidade que viveu, pretendendo modificá-la. Este é, aos meus olhos, um dos seus legados. Alguns traços da personalidade do JGJ fazem dele referência de um património de que todos nos podemos e devemos orgulhar. Destes traços, qualidades de um caráter, emergem muitos dos requisitos preliminares às qualidades técnico-científicas de um bom médico e cidadão.

Tendo vaidade nas suas pequenas e grandes vitórias não deixou nunca de as viver com humildade. A elegância, o trato fácil, a honestidade e a sua humanidade fizeram dele um interlocutor de excelência. Respeitou os cânones formais de todas as instituições por que passou, a sua estrutura e os seus valores, sem nunca deixar de lutar pela melhoria do seu desempenho. Nestas organizações, para além de identificar problemas e encontrar soluções, sempre o preocupou saber como iriam “essas soluções” ser aplicadas.

As suas intervenções baseadas num sólido conjunto de convicções tinham por base uma firme defesa dos princípios e valores fundamentais. Sempre soube que é nos valores fundamentais que começa a visão e que se deve construir a inovação.

A autoridade emprestada, em qualquer uma das funções exercidas, para além de competência pessoal, foi um modelo de exercício de poder. Para ele nunca houve fraturas insanáveis, só desencontros parciais e corrigíveis. Fugia, no entanto, das falsificações, de vida curta e lamentável, dos dogmatismos e dos absolutismos.

Respeitou a liberdade e a diferença e não se demitiu da responsabilidade de decidir mesmo quando na incerteza. Ao longo dos anos, vários foram os momentos em que parou para olhar para si e se pensar.

O ATOR REALIZADOR

O trajeto do Jordão, nome pelo qual entre os colegas era tratado, encontra-se intimamente ligado ao ressurgimento da Clínica Geral como especialidade médica, que passou a partir de 1995 a ser designada por Medicina Geral e Familiar. O perfil da especialidade, tendo em vista a sua institucionalização, o seu progressivo reforço no setor dos Cuidados de Saúde Primários, está intimamente ligada à sua trajetória de vida na formação pós-graduada, na coordenação do Internato Médico, no Instituto de Clínica Geral da Zona Sul e, mais

1. Especialista de Medicina Geral e Familiar. Mestrado em Pedagogia das Ciências da Saúde, pela FPCE/UNL. Doutoramento em Medicina Geral e Familiar, pela NMS/UNL.



tarde, na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

É na década de 80 e 90 que se constrói o edifício legislativo da identidade da Medicina Geral e Familiar e os alicerces da carreira. São tempos ricos de entusiasmo, colaboração e de empreendedorismo.

Na equipa de que o Dr. Paulo Mendo, Secretário da Saúde, se rodeou para criar a carreira de Clínica Geral, o JGJ, ainda interno do primeiro programa de formação específica, do qual foi o melhor classificado, colabora na definição dos critérios de passagem a essa carreira dos médicos dos Serviços Médico-Sociais, no Decreto-Lei fundador n.º 310/82 das carreiras médicas, mais tarde reformulado pelo Decreto-Lei n.º 73/90, na criação em 1981 e 1982 do Internato de Especialidade de Generalista e dos Institutos de Clínica Geral.

Como coordenador do Internato de Medicina Geral e Familiar, funções que exerceu durante três anos (1986-1989), é responsável pela primeira Caderneta de Internato com objetivos específicos de formação. Foi o primeiro programa de internato em Portugal com objetivos definidos.

A partir de 1989 até 1999, como diretor do Instituto de Clínica Geral da Zona Sul,⁶ que engloba, Alentejo, Algarve, Açores e Madeira, com orgânica e funcionamento determinados pela Portaria n.º 505/86, desenvolve a formação profissional em exercício dos médicos da carreira e a realização de ações de investigação conexas com a referida formação. Neste contexto salientamos as seguintes realizações:

- O primeiro Registo Eletrónico baseado na prática da MGE, de suporte à caracterização da prática dos médicos envolvidos nesta formação. Este registo acompanhou os passos dados na implementação de um ficheiro clínico com registo médico orientado por problemas e pela continuidade de cuidados, preventivos e curativos de base familiar. Os registos clínicos dos médicos de família eram ainda feitos de uma forma muito desorganizada, seguindo um modelo de notas pouco precisas e casuísticas, herdados dos antigos Serviços Médico-Sociais, não existindo qualquer caracterização desta prática médica.
- Os primeiros cursos de formação de formadores, dirigidos aos Orientadores do Exercício Médico Orientado, uma das componentes do programa de Formação Específica em Exercício (FEE), regulamentada

da pela Portaria n.º 712/86. Em parceria com o Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, do Departamento de Recursos Humanos do Ministério da Saúde, desenham-se cursos de formação de formadores de 230 horas de duração, guiados pelo inovador método autobiográfico introduzido pelo Prof. António da Nóvoa⁷.

- Os primeiros cursos de pós-graduação em pedagogia das Ciências da Saúde, em colaboração com o Prof. Jean François D'Yvernois (OMS), de epidemiologia clínica com o Prof. Milos Jenicek, em aprendizagem em contexto de trabalho com o Dr. Roger Neighbour e Prof. Pereira Gray, primeiro professor catedrático de Clínica Geral no Reino Unido.
- A participação organizada e coordenada das escolas médicas na formação profissional médica pós-graduada. Nos programas de FEE dirigidos, só na Zona Sul, a cerca de 2.500 médicos de clínica geral, com uma componente de ações de formação em grupo e presenciais, são chamados a colaborar dezenas de professores universitários, que conferem prestígio a esta formação “acelerada”, coordenados por especialistas de Medicina Geral e Familiar, já com o seu internato médico concluído. São desenhadas fichas de curso que orientam uma transferência de conhecimentos e aptidões adequadas à prática, cujo modelo é ainda hoje replicado. A participação de dezenas de professores decanos das Escolas Médicas nesta formação deveu-se não só ao espírito colaborativo que na época se vivia, reflexo do estado psicológico reinante, como aos sete S com que mais tarde JGJ foi definido: *Sereno, Seguro, Sagaz, Secreto, Solidário, Solidário e Sério*.
- A edição dos primeiros livros relacionados com a FEE em curso: *Registos Clínicos em Medicina Geral e Familiar*, de Rui Caeiro; *Família: saúde e doença*, de Daniel Sampaio e Teresa Resina; *Saúde mental na prática do clínico geral*, de J. M. Caldas de Almeida, Machado Nunes e Idalmiro Carraça.
- As primeiras ações de investigação conexas com a formação, tendo sido criado um departamento de apoio à investigação que contou com a preciosa ajuda do Dr. Fernando Moura Pires e o primeiro grande trabalho de investigação colaborativo europeu: *The European study of referrals from primary to secondary care*.⁸⁻¹⁰



Com a extinção dos Institutos de Clínica Geral em 1999, um erro terrível de estratégia política, cometido por querelas internas da Medicina Geral e Familiar, o Prof. Doutor José Guilherme Jordão, primeiro Doutorando em Clínica Geral pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, dedica-se à prática clínica no Centro de Saúde de Sete Rios e à docência na Faculdade de Medicina de Lisboa,¹¹ onde desde 1994 era membro do Departamento de Educação Médica e, desde 1996, Professor Auxiliar Convidado e Regente de Clínica Geral e Medicina Comunitária. Em 1997 concluiu o Mestrado em Educação Médica organizado pela FML, recebendo em simultâneo o Diploma em *Medical Education*, pelo College of Medicine da University. Em 1998, com a Prof. Doutora Madalena Patrício, leciona diversos cursos de formação de formadores em Saúde Reprodutiva para os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, em África (Moçambique e São Tomé), tendo com ela editado um *Manual de boas práticas pedagógicas em saúde*.¹²

No contexto universitário trabalhou na reestruturação do ensino médico, tendo sido membro da Comissão Internacional de Revisão do Ensino Médico, defendendo o sexto ano pré-graduado profissionalizante, contributo indispensável para a revisão do ensino médico em Portugal, que conduziu à implementação da disciplina de Clínica Geral em todas as escolas médicas públicas.

Ao longo da sua vida não descurou a sua intervenção cívica associativa, tendo sido dos primeiros associados e mesmo fundador da APMCG e da ADSO. Fez parte da direção do Colégio de Clínica Geral entre 1990 e 1992, foi membro da direção da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa e da Sociedade Portuguesa de Educação Médica entre 1997 e 2003 e membro da WONCA e do EURACT até à sua morte.

EPÍLOGO

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o *passado para servir o presente e o futuro. O conceito de memória é crucial. A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades. Não sei se este memorial não é bem diferente daquilo que se percebe. O que sublinho é que o JGF mostra bem que a competência clínica e docente não podem*

ser definidas apenas pelo conhecimento de determinados conteúdos ou pelos certificados adquiridos na participação em eventos ou cursos de formação, mas por uma conduta ética de responsabilidade, de cordialidade e respeito. O José Guilherme Jordão deixou-nos na posse de um bom modelo de aprendizagem. E a formação, em educação, precisa e vive à sua custa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Valente-Alves M. José Guilherme Jordão: uma vida e uma obra para o futuro [José Guilherme Jordão: a life and work for the future]. Rev Port Med Geral Fam. 2015;31(2):90-2. Portuguese
2. Ramos AS, Ribeiro A, Ribeiro C, Rafael MA. Dicionário dos médicos Portugueses [homepage]. Lisboa: Unidade Curricular de História da Medicina, Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa; s.d. Available from: <https://medicosportugueses.blogs.sapo.pt/>
3. Simões JA. In memoriam: Prof. Doutor José Guilherme Jordão. Rev ADSO. 2013;1(1):10.
4. Valente-Alves M, Ramos V, editors. Medicina geral e familiar 20 anos: da memória. Lisboa: MVA Invent.; 2003.
5. Jordão JG. A medicina geral e familiar: caracterização da prática e sua influência no ensino pré-graduado [dissertation]. Lisboa: Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa; 1995. Available from: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/2031>
6. Jordão JG. Os Institutos de Clínica Geral. In: Valente-Alves M, Ramos V, editors. Medicina geral e familiar: da vontade. Lisboa: MVA Invent.; 2003. p. 62-6. ISBN 9729888620
7. Nóvoa A, Finger M. O método autobiográfico e a formação. Lisboa: Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional do DRH; 1988.
8. Sá AB, Jordão JG. Estudo Europeu sobre referência em cuidados primários: I. Dados de referência [The European study of referrals from primary care: I. The referral data]. Rev Port Clin Geral. 1993;10(11-12): 238-44. Portuguese
9. Sá AB, Jordão JG. Estudo Europeu sobre referência em cuidados primários: II. Dados de seguimento e informação de retorno [The European study of referrals from primary care: II. Follow up and return data]. Rev Port Clin Geral. 1994;11(1):25-8. Portuguese
10. Sá AB, Jordão JG. Estudo Europeu sobre referência em cuidados primários: III. Comparações internacionais [The European study of referrals from primary care: III. International comparisons]. Rev Port Clin Geral. 1994;11(2):115-24. Portuguese
11. Jordão JG. A medicina geral e familiar académica e o desenvolvimento universitário da disciplina em Portugal. In: Valente-Alves M, Ramos V, editors. Medicina geral e familiar: da vontade. Lisboa: MVA Invent.; 2003. p. 69-77. ISBN 9729888620
12. Jordão JG, Patrício MF. Manual de boas práticas pedagógicas em saúde. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Educação Médica; 2004.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Isabel Santos

E-mail: misabelsantos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9320-6451>